

APRENDENDO OUTRAS LÍNGUAS EM TIMOR-LESTE: alguns mitos e verdades sobre a aprendizagem de uma nova língua em sala de aula

Um território pequeno, porém com uma das mais ricas diversidades linguísticas do mundo: assim é Timor-Leste. Esse país que comemora, em 2015, treze anos de restauração da independência, possui dezesseis línguas maternas, além de línguas como a indonésia, o tétum, o português e o inglês em coexistência dentro de suas fronteiras.

Quer seja nas placas, nos anúncios, nos documentos, nos veículos de comunicação, entre outros, os timorenses e os estrangeiros vivem em uma realidade pautada no multilinguismo e multiculturalismo que acompanha o país, tornando-o um lugar que mistura resgate de identidade, manutenção das tradições e busca pelo desenvolvimento.

Quando o multilinguismo é aplicado a cada um dos timorenses individualmente, percebe-se um curioso fato: ao mesmo tempo que a maior parte deles domina, pelo menos, duas línguas diferentes, também há uma grande mobilização do povo para aprender outras línguas. Geralmente, as línguas portuguesa e inglesa.

Porém, as pessoas buscam esse aprendizado através da escola tradicional ou escolas especializadas no ensino de idiomas, o que difere do aprendizado que tiveram das línguas maternas, da língua tétum e - por vezes - da língua indonésia, adquiridas de forma natural, no ambiente.

Boa parte do público interessado em aprender inglês e português é composto por jovens e adultos. Os motivos da busca pelo aprendizado variam entre a procura por melhores oportunidades de emprego, obtenção de bolsas de estudo

em Portugal, no Brasil ou na Austrália e ainda por motivos nacionalistas, como, por exemplo, aprender a língua oficial de Timor (no caso do português).

Mesmo diante desse panorama no qual as pessoas estão acostumadas a falarem duas ou mais línguas, aprender um novo idioma em sala de aula traz consigo algumas crenças que nem sempre se confirmam. Mostraremos, a seguir, três crenças do aprendizado de uma nova língua e veremos se se tratam de mitos ou verdades.

1. Não se aprende mais uma nova língua depois de adulto. Mito. Antigamente, havia a crença de que o cérebro da pessoa só estaria apto ao aprendizado de um novo idioma aos sete anos, quando seria o auge do cérebro para esse tipo de aprendizado, e que tal habilidade duraria até os treze anos de idade. No entanto, esse pensamento já foi desmentido pela ciência. Ela afirma que o adulto leva vantagem em relação à criança por fazer mais associações entre os conceitos e os objetos ao seu redor, além de as estratégias de aprendizado do novo idioma usadas pelos adultos serem parecidas às usadas pela criança ao adquirirem sua primeira língua.

2. A nova língua é muito influenciada pela língua que já falamos. Meio verdade, meio mito. É verdade que, ao se aprender uma nova língua, podemos observar o estudante fazendo frases com a estrutura e até mesmo com flexões verbais e uso de vocabulário da língua que ele já domina. No entanto, segundo pesquisas, a maior fonte de intervenção é a própria língua que se aprende.

Ou seja, durante o aprendizado do português, o estudante tenderá a cometer mais enganos, usando a forma de pensar que mais se repete da língua portuguesa. Um exemplo é tentar conjugar um verbo irregular igual a um verbo regular - “eu sabo” em vez de “eu sei”; “ele cabeu” no lugar de “ele coube”, por exemplo.

3. Todas as línguas que sabemos ficam misturadas no cérebro. Meio verdade, meio mito. Em resumo, quando se aprende um segundo idioma quando criança, a língua materna e o novo idioma se misturam na mesma região do cérebro, pois as funções dessas regiões ainda não estão bem definidas. No adulto, essas áreas já estão determinadas, e o cérebro usa locais diferentes para guardar a informação.

Agora que já sabemos alguns dos mitos e verdades desse aprendizado tão vivo em Timor-Leste, é nossa tarefa termos paciência e mantermos a concentração nos estudos de novas línguas.

Glossário:

Auge: tutun;

Cérebro: kakutak;

Crença: buat ida ba fiar;

Mito: ai-knanoik; 'lia-bosok'

Multilinguismo: lian sira iha Timor Lorosa'e;

Multiculturalismo: kultura sira husi lian sira.

Juliana Paiva Santiago
Professora Mestre em Linguística (PQLP/CAPES)
email: julisantiago.jps@gmail.com

Colonização e Língua Portuguesa em Timor -Leste

A inquietação relativa à apropriação da língua portuguesa por parte dos timorenses tem sido objeto de estudos, debates e ações políticas, sobretudo a partir de 2002, momento em que se consolidaram como línguas oficiais dessa nação os idiomas tétum e português e, conseqüentemente, línguas de instrução.

Simultaneamente à admirável capacidade cognitiva dos timorenses no que diz respeito ao aprendizado de diferentes línguas, permanecem questões como: “Quais decisivos fatores influenciaram para que, após quatro séculos e meio de colonização, na década de 1970, no máximo 15% da população pudesse comunicar-se em língua portuguesa?”; “Em que línguas são ministrados o ensino e a aprendizagem nas salas de aulas do ensino básico até o universitário?”; “Como e por que se configuram os ambientes linguísticos timorenses?”; “Quais interesses políticos e econômicos são representados nos investimentos nas diferentes aprendizagens e apropriações linguísticas?”

Pesquisas em história apresentam que embora o processo de colonização portuguesa tenha iniciado no século XVI, durante os séculos posteriores, as próprias autoridades portuguesas incentivaram o uso do tétum-praça como língua franca, para negociações e comércio nos diversos pontos do território. Também os religiosos, que realizavam cerimônias em língua portuguesa, aprendiam o tétum e demais línguas para se comunicar com os timorenses. Por outro lado, a escola básica, instrumento fundamental de difusão das línguas como símbolos dos estados, foi

implementada apenas no século XX, com poucos recursos e inacessível à maioria da população.

Entretanto, a língua da metrópole, apoiada por produções discursivas e aparatos legais, especialmente nos últimos séculos de colonização, manteve sua posição hierárquica destacada. Sua fluência consistia como exigência para a ocupação dos quadros na administração da colônia, para a obtenção de bolsas de estudos em países como Portugal, Angola e Moçambique. E, durante certos períodos, também para a caracterização de “assimilado” e seus consequentes privilégios. Exemplo disso foi o Acto Colonial de 1930 que, além de fazer objetiva distinção entre os nativos timorenses, reservava aos fluentes em língua portuguesa o direito ao voto nos Conselhos Legislativos locais e Assembleias Nacionais.

O historiador Eric Hobsbawm em seu livro “Nações e Nacionalismos, desde 1780” (1991), define as línguas nacionais como constructos semi-artificiais, instrumentos criados com o intuito de constituir a unidade nacional, utilizados de formas diferentes nas diferentes construções dos estados. Se em alguns contextos o surgimento da língua nacional assassinou os demais e anteriores códigos de comunicação, em outros, situou-os no âmbito da literatura, e, em alguns casos, conviveu com poucas diferenças hierárquicas. Entretanto, em todos os casos, a configuração de constructo demanda estratégia, ação política intencional, investimentos, entre os quais a escolarização básica universal ser ofertada na língua que se pretende como símbolo de unidade nacional.

Nesse sentido, pode-se inferir que entre os decisivos fatores influentes para que na década de 1970, no máximo 15% da população pudesse comunicar-se em língua portuguesa, interesses políticos na utilização da Língua Portuguesa como instrumento de divisão de classes estivesse presente. Conseqüentemente, o número de professores e profissionais da educação fluentes em língua portuguesa e, em condições de ministrar o ensino nesta língua permanece reduzido.

Atualmente, com a composição internacional das relações de poder na qual Timor-Leste encontra-se envolvido e disputado os ambientes linguísticos diversificados configuram-se importantes e notórios instrumentos de combate. Também os interesses políticos e econômicos são notórios nos respectivos investimentos nas diferentes aprendizagens e apropriações linguísticas.

A história de Timor-Leste, com seus percursos de imposição e sedução por parte das diferentes representatividades linguísticas, permanece no século XXI, em sua constituição de nação independente, com muitas perguntas não respondidas e, especialmente, com um quadro linguístico cujas dificuldades acarretam sofrimento e muito esforço no interior das salas de aulas, desde o ensino básico até o universitário.

Reedição de texto publicado na Edição 108.

Sidneya Gaya
Mestre em Educação (PQLP/CAPES)
email: sidneyamagaly@gmail.com